

## Povos Indígenas no Lições de um Hans Staden belga sobre os Kaingang

Fonte: Porantim

Data: 06/84

Mabilde, Pierre F. A. Booth  
Apontamentos sobre os indígenas  
selvagens da nação Coroados dos  
matos do Rio Grande  
do Sul: 1836 — 1866

São Paulo: Ibrasa; (Brasília): INL,  
Fundação Nacional Pró-Memória,  
1983. 232p.

(Biblioteca Estudos Brasileiros: 14)

**A**o longo de trinta anos (1836-1866), esse engenheiro belga, depois naturalizado brasileiro, foi registrando, nestes apontamentos, a sua múltipla experiência com os Coroados, hoje mais conhecidos como **Kaingang**. Na época, essa nação apenas entrara em contato com a expansão dos neo-brasileiros no Rio Grande do Sul, e coube a esse imigrante lhes observar de muito perto os usos e costumes e até acompanhar e influenciar o processo de mudança que já lhes impunha a nova história da região.

O texto apresenta três níveis de relato, que correspondem, por sua vez, a três modos de Mabilde se relacionar com os Coroados: a observação etnográfica, a reflexão antropológico-filosófica e as considerações indigenistas.

Mabilde teria estado dois anos cativo entre os Coroados, embora nem o texto nem a biografia que dele apresentam as suas bisnetas esclareçam sobre o tempo e circunstâncias de tal cativeiro. De todo modo, é na etnografia que a obra alcança um valor indiscutível de primeira mão. Efetivamente, o autor relata com riqueza de detalhes o que se refere aos mortos, cerimônias fúnebres, sepultamento e cemitério, já que lhe foi dado assistir à morte de um cacique principal, Cun-nhungoê (p. 91-98), à do cacique Doble (p. 115-16), e chegou a "profanar" túmulos antigos para lhes examinar o conteúdo (p. 99-104). Mabilde descreve ainda, com muita precisão, o modo como esses índios se alimentavam, como obtinham o fogo, onde e como moravam. O capítulo 20, sobre a arte de fazer armas e seu uso, fica como importante documento etnográfico. O autor oferece outros inúmeros detalhes sobre a aparência física dos Coroados, objetos da cultura material e aspectos da organização social. Muitas destas observações etnográficas acabam sendo as únicas e últimas que se tem a registrar a vida desta nação, na véspera da sua desintegração e perda da sua autonomia cultural.

O engenheiro Mabilde teve ainda a oportunidade de seguir de perto a luta entre o cacique Braga e o cacique Doble, constituindo-se no seu historiador principal (p. 159-180). Entretanto, o episódio não ilustra tanto a luta entre tribos e facções, como quer mostrar o autor, quanto a incipiente política de divisão que era trazida para os índios pelos colonos e militares que os queriam ver "civilizados" e "amansados", isto é,

dominados e submissos.

Neste nível etnográfico, trata-se, pois, de uma obra importante, e sua publicação, mesmo depois de cem anos de sua conclusão, deve ser saudada como uma contribuição valiosa para a etnologia brasileira que, para essa época dos **Kaingang**, quase não dispõe de outras informações.

Porém, mesmo com estes valores etnográficos, a leitura destes apontamentos não deixa de ser perigosamente desorientadora. Mabilde tem uma visão do **Kaingang** que responde mais aos preconceitos da colônia dos imigrantes, ao mesmo tempo medrosos e agressivos frente ao índio, do que ao modo de ser real do Coroado. A imagem, quase constante, que essas páginas refletem, é a de um índio bruto e cruel, de índole feroz, um selvagem bárbaro, sempre disposto à traição, sanguinário, sem deixar de ser covarde. Na ordem da reflexão antropológico-filosófica, o texto está também muito marcado pelo "racismo" da época, que vê determinismos biológicos no que parecem ser insuficiências culturais. As páginas mais teóricas, se lidas sem uma pertinente correção crítica, poderão ainda hoje sustentar ideologias de discriminação e desprezo — por desgraça, bem atuais no Rio Grande do Sul, quando se trata de **Kaingang**.

As considerações finais do autor sobre a catequese e civilização dos Coroados (p. 191-207), mesmo contendo algumas reflexões muito pertinentes e críticas aceitáveis contra os aldeamentos da época, não deixam de nos chocar. A solução do problema **kaingang**, segundo o autor, estaria na proletarização desses índios, "em quarteirões especiais, em cidades ou povoações onde existam arsenais de guerra e de marinha, estaleiros de construções navais, fábricas, oficinas e, finalmente estabelecimentos industriais, a cujo trabalho variado e menos penoso aqueles indígenas se aplicariam com mais gosto do que ao da lavoura... Criariam, cada vez mais, o gosto pelo trabalho e viveriam satisfeitos, esquecendo seu primitivo estado" (p. 205).

Graças a Deus, o povo **Kaingang** do Rio Grande do Sul, sempre mais numeroso — hoje não são menos de sete mil — manteve sua identidade, embora sempre ameaçada pelos civilizadores de turno, menos preocupados com a liberdade dos índios do que em ver as terras dos índios liberadas para o "civilizado".